



INSTITUTO
DA PSICANÁLISE
LACANIANA IPLA

DA NOSSA RESPONSABILIDADE¹

Jorge de Figueiredo Forbes
Ivete M. B. de Torre Villalba
Newton C. A. da Costa

*“É somente na medida em que chegarmos a
formular adequadamente os símbolos de
nossa ação que daremos um passo adiante”*

Jacques Lacan, no início de seu ensino (6)

I. Das Questões

Recebe-se uma pessoa em análise. Desencadeia-se um processo. Em um momento há um fim. Foi ‘Quem vem lá’ (1) o título escolhido por dois dentre nós, para em um escrito abordar esses pontos, há dois anos.

O processo que se desencadeia é gerado pela precisa posição que se ocupa. A psicanálise trata do que sustenta essa posição. Qual o lugar do analista, qual o lugar do analisando, qual o lugar da fala, qual o lugar da interpretação, qual, enfim, o lugar, a posição, o objetivo, o efeito do tratamento psicanalítico?

‘Psicanálise e Transmissão’ (2), trabalho posterior, nos ajudou a concluir que o que se transmite é uma posição, no caso do analista, a de uma escuta.

A partir daí nos perguntamos em título de novo trabalho: ‘Psicanálise é Possível?’. (15)

Falamos, então, que entre o caminho da magia e o caminho da ciência, optávamos pelo segundo. Tentamos desenvolver ali, a nova razão que Freud trouxe. Ousaríamos dizer que o próprio criador teve dificuldades em articulá-la, perdendo-se por vezes em sustentações biológicas que ficaram como cama de Procusto de sua descoberta.

¹ Trabalho apresentado na II Jornadas de Psicanálise - Módulos e Grupos de Pesquisa, 2, 3, 4 de Dezembro de 1983, São Paulo

Aí, nesse trabalho que mais foi uma comunicação preliminar, desenvolvemos o porquê de nossa aproximação às lógicas heterodoxas, dando especial atenção às lógicas paraconsistentes.

A formalização nos importa por seu duplo efeito. No que evidencia uma situação, esclarecendo sua operatividade, ilumina o limite, esse limite que o Real, o mesmo da clínica, a cada passo nos impacta em impasse, desencadeando a criação.

Sustentamos que formalizar é correlato ao ato de criação e até mesmo contribui à sua possibilidade.

Até aqui demos uma visão ampla das questões que nos têm norteado. A responsabilidade da clínica entendemos que foi um dos pontos fundamentais que Lacan devolveu aos analistas. O analista não dirige o paciente mas dirige o tratamento, diz ele. (11) Questões como a do tempo, do dinheiro, da cura, frequência de sessões, do aceitar ou não um paciente, que na história dos pós-freudianos haviam se transformado em 'modelos' baseados em preceitos, - visamos também com isso às interpretações ingênuas do 'modelo' do Édipo -, são retomadas por Lacan ao nível dos conceitos. [(11), p. 459]

Essas interpretações, por sua aparente força explicativa, mais velam que revelam, contribuindo às armadilhas imaginárias. Diz sobre isso Lacan "Ablata causa tollitur effectus". [(7), p. 117] O 'modelo', o *standard*, retira a causa abolindo os efeitos.

Em psicanálise a causa é o motor do desejo. O que está em causa é o objeto chamado "petit a", objeto perdido, causa do desejo, que define o sujeito freudiano, o sujeito do *desidero*.

Aqui nos aproximamos do que nestas páginas pretendemos dar conta.

Partiremos do ponto a que chegamos em nosso trabalho anterior 'Psicanálise é Possível?': - O discurso analítico.

O tratamento é dispensado *no* e *ao* discurso analítico.

Insistimos na palavra tratamento em relação à psicanálise. Se dizemos que insistimos é porque há quem pense que "tratar" seria específico do médico, no entanto tratamento, por exemplo em Semiótica, na acepção de estudo dos Sistemas de Significação, é passar de um registro a outro. Tratar o Real pelo Simbólico é função do analista. É mudança de posição discursiva.

Assim, diz-se que tal pintor deu um tratamento pictórico ao discursivo arquitetônico da catedral. Outro deu tratamento lingüístico à escultura que admirou: a Garota de Ipanema, a mulher escultural.

Freud, já na "Interpretação dos Sonhos" (4), descreveu quatro mecanismos utilizados no tratamento do desejo. A condensação, o deslocamento, a dramatização ou representação pictórica, e a elaboração secundária. Basta no entanto, a referência à condensação e ao deslocamento, pois os outros dois são conseqüências desses.

Em psicanálise trata-se elementos do discurso. Tratando-se o discurso trata-se o paciente. Tratando-se o paciente deixa de ser o paciente que se trata.

Para sustentarmos estas asserções, temos que nos deparar com o vício epistemológico que associa acriticamente análise *no* discurso, com análise gramatical.

O estatuto da fala é de capital relevância em psicanálise. Palavras não são somente palavras. Aqui elas determinam o Sujeito decidindo de seu destino. Vida e morte assim se articulam.

Sendo tema de tal importância, nenhuma palavra, seja do analisando, seja do analista, pode ser mal tratada.

A ética é do bem dizer sem dizer o bem. [(10), pp. 36, 39,50]

A formalização que perseguimos é o tratamento da clínica psicanalítica.

Nosso próximo ponto:

II. Do Discurso Analítico

Com essa expressão queremos nos referir à clínica psicanalítica. Bastaria, ao fazermos isso, nos reportarmos à palavra do analisando, bastaria a escuta e a interpretação do analista ou ainda a abordagem seria em relação à fala, independente dos emissores? Não.

É impossível pensar a clínica decompondo-a em supostos elementos independentes. Se isso fizéssemos, estaríamos a um passo de sustentarmos conclusões que adscrevem o inconsciente ao analisando, a interpretação ao analista e a fala à mediação. Os limites são evidentes. Nenhum desses recortes existem por si mesmos e a psicanálise nos mostra que necessitamos uma conceituação que nos permita sair dessa aparência empírica, pois se aí ficarmos, como explicar que o inconsciente não é do analisando nem do analista mas que é o resultado da sessão analítica, que o analista está implicado no conceito do inconsciente, que não é o conhecimento e sim o desejo que sustenta a análise e que só existe fala correlata a um discurso?

A tese de Lacan conhecida como os “Quatro Discursos” (8,9) propicia evidenciar os fundamentos do discurso analítico.

O discurso é uma estrutura de ligação social, que tem quatro lugares estáveis e quatro termos que se permutam nesses lugares determinando, por conseguinte, quatro posições.

Os lugares são: 1) a verdade; 2) o agente; 3) o outro e 4) a produção. Os termos são: S_1 – o significante, S_2 – o saber, $\$$ - o sujeito, a – o mais-gozar.

Das quatro possíveis variações desses termos, nesses lugares, tem-se como resultado quatro discursos, que são extraídos um do outro por $\frac{1}{4}$ de volta.

Lugares:

$\frac{agente}{verdade}$ $\frac{outro}{produção}$

Termos:

S₁: o significante mestre

S₂: o saber

\$: o sujeito

a: o mais-gozar

Discursos:

$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$ Discurso do Mestre

$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$ Discurso da Universidade

$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$ Discurso do Analista

$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$ Discurso da Histórica

A) O Discurso do Mestre é o que produz o “petit a”, como o mais-gozar. Determinando o objeto do gozo impede o acesso ao desejo, obliterando a multiplicidade de sentidos da cadeia significante. Criando um só sentido, o objeto da busca, explica a “Servidão Voluntária” tão bem referida por La Boétie.

B) O discurso da Histórica questiona o Mestre por sua impossibilidade de significar-se e dá como produção o Saber, o S₂. Oblitera a cadeia significante no que ‘imaginariza’ o Simbólico.

C) O Discurso da Universidade produz o \$. Aqui, o sujeito dividido encontra sutura em sua barra, sendo esse o seu estilo do cerceamento da cadeia significante.

D) O Discurso do Analista é o inverso do discurso do Mestre. Produzindo S₁, significante primeiro, representante da metáfora paterna, distingue-se dos três discursos anteriores por ser o único que em vez de obliterar a cadeia significante, e por conseguinte o desejo, produz o elemento necessário para que a circulação se dê.

Sendo S₁ o que representa o sujeito para o S₂, é ele que possibilitará a relação à verdade.

Numa primeira aproximação, falamos das quatro possibilidades que Lacan entende que o Discurso pode manifestar. Pretendemos agora dividir nosso desenvolvimento em duas partes. Definição do campo e definição no campo. Aplicaremos essas formulações sobre a clínica de Freud para evidenciarmos o que define o campo Psicanalítico, à diferença da sugestão que foi sua origem.

Na segunda parte, já conceituado o campo analítico, ensaiaremos formalizá-lo, pelo menos parcialmente, e precisar a lógica a ele inerente.

A) - Definição do Campo

Alguns datam 1888 outros 1889, o atendimento por Freud a Emmy von N.

Vamos ao anoitecer do dia 11 de maio e ouçamos o que nos diz Freud no final da sessão: "... Apelei para o seu bom senso, e lhe disse que ela realmente devia acreditar mais em mim que na moça estúpida de quem ouvira aquelas histórias medonhas sobre a maneira como os asilos são administrados. Como notei que ela ainda gaguejava ocasionalmente ao narrar-me essas outras coisas, perguntei-lhe mais uma vez de onde provinha a gagueira. Nenhuma resposta. – A senhora não sabe? – Não. – Por que não? Porque *não devo saber!* (Pronunciou essas últimas palavras com violência e raiva). Essa declaração me pareceu ser a prova do êxito de minha sugestão, mas ela me expressou o desejo de que a despertasse da hipnose, e assim o fiz". [(3), p. 105]

Podemos nesse trecho da sessão analisar qual o discurso da sessão e para tanto temos que saber o que está em posição de agente, o que sustenta, quem sofre a ação do agente e qual a produção.

Verificamos nesse texto que em posição de agente está Freud identificado ao S₁, O Significante Mestre. Ele encobre nessa posição o sujeito dividido (\$) que é. Por um lado sabe, por outro não sabe o que; o objeto causa dos sintomas.

Emmy em posição de outro como Saber (S₂), deve lhe responder sobre a causa de seu sofrimento (a). Freud quer saber qual o objeto que lhe causa sofrimento. Para tanto a massageia, a hipnotiza; sugestiona a paciente.

Momento de sugestão onde o Mestre hipnotizador diz: "Responda-me".

No entanto, Freud, mestre, acede ao pedido de Emmy de ser retirada da hipnose.

12 de maio, dia seguinte de manhã: "... Disse-me então, num tom de queixa claro, que eu não devia continuar a perguntar de onde provinha isto ou aquilo, mas que a *deixasse contar-me o que tinha a dizer-me* (Grifo nosso). Concordei com isso e ela prosseguiu sem mais preâmbulos." [(3), p. 107]

Emmy nega, denega, mas pede para "contar o que tem a dizer". Não para responder à pergunta de Freud mas para que lhe deixasse falar, como já fizera Anna com Breuer sete anos antes. Este deixar falar, este dever falar imperativo da Regra Fundamental, que por essa época germinava em Freud, tendo como base aquele livro que Freud em menino tanto gostava; o ensaio de Ludwig Borne: "Como se tornar um escritor original em três dias." [(12), p. 255]

Ao deixar falar Emmy, esta passa à posição de agente (\$), pondo em causa seu desejo (a) de onde questiona Freud Mestre (S₁) no lugar do outro, promovendo um saber (S₂).

Tirando o mestre do lugar de agente, estavam as históricas dando o ponto de passagem para a constituição do saber que faria surgir a psicanálise.

O Discurso do Analista é extraído por ¼ de volta do Discurso da Histórica.

Vamos, agora, a um tratamento de 1907.

O "Homem dos Ratos" pede tratamento. E no dia seguinte, Freud relata: "... eu o fiz comprometer-se à única e exclusiva condição do tratamento, ou seja, dizer

tudo que lhe viesse à cabeça, ainda que lhe fosse *desagradável* ou que lhe parecesse *sem importância, irrelevante* ou *sem sentido*. Então, lhe dei permissão para iniciar suas comunicações com qualquer assunto que o contentasse e assim ele começou”. [(5), p. 164]

O que Emmy pedia, Freud agora exige: - Fale.

Momento de início de análise. O Discurso do Mestre é condição do Discurso Analítico.

Enquanto Mestre, Freud impõe a regra fundamental, condição do tratamento psicanalítico. Uma vez que essa se dá, o lugar de Mestre passa a ser ocupado por “petit a”, lugar da aparência, da transmissão e da falta. Freud não é mais saber e sim suposto. Desse discurso a produção é S_1 .

A posição de Mestre só é recuperada por Freud para a manutenção da análise: é a única possibilidade que a sugestão abandonada tem valor em psicanálise.

Aqui veremos Freud sessões adiante nos dizer o que se passa quando o “Homem dos Ratos” interrompe a Regra Fundamental:

“Aqui o paciente interrompeu-se, levantou-se do divã e pediu-me que lhe poupasse exposição dos detalhes. Assegurei-lhe que eu próprio não tinha gosto, qualquer que fosse, por crueldade, e certamente não tinha desejo algum de atormentá-lo; contudo, naturalmente não podia conceder-lhe algo que estava além das minhas forças². Ele podia, igualmente, pedir-me para lhe dar a lua.” [(5), p. 171]

Freud não mais trata o paciente com massagens, hipnose ou sugestão. Já o trata através da fala. Nada a fazer sem a Regra Fundamental, imperativo que submete não só o paciente mas também o analista.

Se Freud cedeu a Emmy em seu pedido de ser retirada da hipnose, aqui ele não cede. Não cabe a Freud, não cabe ao analista abrir mão da Regra Fundamental, pois esta não lhe é posse mas sim condição do Discurso Analítica.

Assim, procuramos estabelecer as fronteiras do campo da psicanálise.

O Discurso Analítico reitera que o que está implicado são posições e qualquer que seja a alteração que aí se faça, o produto que se obterá é de outra ordem que da análise.

É da nossa responsabilidade saber em qual posição uma análise se dá. Conviremos facilmente que entre o adaptacionismo, a alienação e a psicanálise, há diferenças abissais. No entanto, uma simples troca de posição muda uma lógica, muda um discurso, muda uma produção, muda o efeito.

Cabe-nos agora abordar o segundo ponto anunciado. O exame direto desse Discurso Analítico que faremos em:

B) - Definição no Campo

O Discurso Analítico, como todo discurso, é logicamente estruturado. Noutras palavras, nele encontramos uma lógica subjacente.

² Nota dos autores: “... não podia dispensá-lo de coisas as quais não disponho”, na tradução francesa, que talvez seja nessa passagem mais precisa.

Para melhor esclarecer o que procuramos dizer, definamos lógica, no sentido que aqui se utilizará essa palavra.

Uma lógica é uma estrutura do tipo $L = \langle L, E, D \rangle$, onde L é uma linguagem, no sentido da moderna semiótica, E um conjunto de postulados estruturais, característicos dessa linguagem, explicitando propriedades gerais de certos símbolos relevantes de L , e D uma lógica em acepção restrita, isto é, um *organon* de inferências válidas, admitidas na linguagem.

Dada a linguagem L , com sua lógica L , qualquer contexto nela baseada, respeitando E e D , é um discurso segundo as *normas* de L .

Os discursos baseados em L contêm, ao lado de proposições que nos são fornecidas por E e por D , outras, que dependem desses discursos e que propriamente os constituem, sendo-lhes particulares.

Então, podemos definir um discurso como sendo um par $D = \langle C, L \rangle$, onde C é um contexto estruturado segundo as normas de L e, por conseguinte, respeitando E e D , mas possuindo proposições aceitas que lhe são peculiares.

No discurso analítico, $D_a = \langle C_a, L_a \rangle$, C_a se formula em uma linguagem que se compõe de parte de uma linguagem natural, complementada por determinados símbolos técnicos, e da lógica $L_a = \langle L_a, E_a, D_a \rangle$.

L_a constitui uma reconstrução, algo idealizada, de porções da linguagem natural, acrescida de símbolos extras, tais como os conectivos proposicionais e os quantificadores. E_a encerra postulados fundamentais que caracterizam a estrutura do discurso. Finalmente, D_a , como já sugerimos, em trabalho anterior, é uma lógica em sentido restrito, paraconsistente e para completa. (13, 15)

Nossa tese é a de que, mediante uma escolha conveniente de termos e predicados primitivos, L_a pode ser precisada, de modo que ela individualize o discurso analítico.

Neste trabalho, ainda nos restringiremos ao nível proposicional do discurso analítico. Isso ocorrendo, ainda não se podem formular os princípios componentes de E_a , pois, para tanto, necessitamos, pelo menos, do cálculo de predicados de primeira ordem, com seus quantificadores e seus predicados. Portanto, vamos nos restringir a algumas observações sobre D_a .

Como ponto de partida, podemos tomar os postulados de nosso trabalho. (15)

Que a estrutura proposicional é de relevância, pode-se constatar no caso do “Homem dos Ratos”, por exemplo. De fato, o analisando se recordava que seu pai afirmara, ao lhe bater: “O menino ou vai ser um grande homem, ou um grande criminoso!”. [(5), p. 208] Aqui, a disjunção é fundamental e o paciente dela se vale e a utiliza logicamente. Pode-se facilmente constatar que são feitas inferências lógicas em sentido estrito com utilização dos conectivos usuais, por numerosas citações, como, V.G., as relacionadas a seguir.

É claro o exemplo de implicação nessa passagem:

- “Contudo, desejando isso, eu tinha *um estranho sentimento como se algo devesse acontecer se eu pensasse em tais coisas, e como se devesse fazer todo o tipo de coisas para evitá-lo*” [(5), p. 167]

Mais óbvio ainda, é quando o mesmo “Homem dos Ratos” diz: “Se tenho esse desejo de ver uma mulher despida, meu pai deverá fatalmente morrer.” [(5), p. 168]

Incorporando-se ao Discurso Analítico descrições de sonhos, por exemplo, como já se observou, são introduzidas situações paraconsistentes e paracompletas. Mas contradições surgem mesmo fora dos contextos oníricos como é o caso de pequeno Hans, que quando lhe perguntam por que estava tão assustado, ao acordar, responde: - “Pus o dedo no meu pipi, só um pouquinho, vi a *mamãe despida de camisa*, e ela me deixou ver o seu pipi...” [(5), p. 42]

Por conseguinte, podemos supor que o paciente raciocina bem, em uma lógica paraconsistente e paracompleta, que, na verdade, não se afasta da clássica tanto quanto a primeira vista pode parecer.

Um dos traços possíveis do Discurso Analítico é o de que, muitas vezes, as conclusões errôneas do paciente, advêm dele assumir premissas falsas, e não de uma aplicação de leis lógicas inválidas do ponto de vista clássico ou da lógica inerente ao seu discurso.

Como por exemplo, podemos citar Freud, ainda no “Homem dos Ratos”, quando diz: - “Em sua compulsiva obediência ele reprimira seu melhor conhecimento de que o pedido do capitão se tinha baseado em *premissas erradas*.” [(5), p. 220]

Parece razoável também se sustentar que o psicótico se afasta muito mais da lógica tradicional, pois sua implicação difere muito da clássica, ou, pelo menos, da intuicionista; não se tem, ao que tudo indica, a regra de inferências: Se $\alpha \rightarrow \beta$ e $\beta \rightarrow \delta$, então $\alpha \rightarrow \delta$. Por outro lado, o perverso, em sua estrutura, evidencia, pelo menos teoricamente, uma verdadeira ‘tendência’ para o que podemos chamar de hiper-paraconsistência, conclusões importantes por ele inferidas de sua fala são sistematicamente inconsistentes. Aguardaremos melhor momento para articular mais pormenorizadamente essas hipóteses, em relação ao nível do Discurso.

Corroboramos a tese de Lacan (14) de que o discurso analítico é função do tempo e que, por isso, deve se fundamentar em uma lógica temporal. Além disso, outras extensões são necessárias, tais como introdução de modalidades epistêmicas e deônticas.

A metalinguagem do Discurso Analítico talvez seja de importância fundamental, pois é a linguagem teórica na qual damos conta do Discurso Analítico e, em consequência, necessita caracterização mais clara. Não parece impossível que tal metalinguagem se funde na lógica clássica, em sentido estrito.

III. Da Conclusão

É no fim de um trabalho que se vê o que se disse e o quanto mais se deixou a dizer.

Talvez esse seja o nosso destino, um movimento paradoxal de apreensão do objeto a que por tentar alcançá-lo, sempre escapa. Porém, no entanto, - “O que quer que seja é preciso chegar lá”. [(7), p. 34]

Saber da impossibilidade de uma tarefa é longe motivo de abandoná-la, pois se esse fosse o caminho, por aí também se perderiam o amor e a vida. O Real aguarda fio condutor.

É a certeza do impossível que nos possibilita começar do novo.

Ao tratarmos da Definição no Campo, o fizemos, como já dito, ao nível proposicional. Articulações com o Gráfico do Sujeito proposto por Lacan acrescidos da predicação fálica são desenvolvimentos de um porvir que nos espera; a especificação do lugar clínico e a psicopatologia aí estão.

Se ainda aqui muito nos estendemos, a expectativa é que a simplicidade dos quatro termos básicos lacanianos – S_1 , S_2 , $\$$, a – venham em suas articulações nos proporcionar mais clareza.

Nesses quatro termos, três são significantes, com possibilidade de conexões entre si e um, o “petit a”, não é significativo e não se conecta. Isso explica a vertente em análise da Lógica do Significante e da Lógica do Fantasma. Haveria uma terceira lógica articuladora das duas?

O S_1 , como produção do Discurso Analítico, é operador que possibilita a articulação do Sujeito ($\$$) à cadeia significativa, daí análise interminável e, ao mesmo tempo, do Sujeito ($\$$) ao objeto a , - fantasma -, e daí o Passe, o fim da análise.

No momento do fim, lembramos que um significativo não existe senão a título de diferença.

Não é porque existem muitas coisas que não se compreende, que se tem muitas coisas a explicar.

A definição, a operação, o trabalho e o efeito das coisas, não todas, as necessárias e suficientes à Psicanálise é – da nossa responsabilidade.

São Paulo, novembro 1983

BIBLIOGRAFIA

1 – Forbes, J.F. e I. Villalba, ‘Quem vem lá?’, Trabalho apresentado à Sociedade Médica de Ribeirão Preto, 1981. A ser publicado. Encontra-se na Biblioteca da B.F.B.

2 – Forbes, J.F., ‘Psicanálise e Transmissão’, Folha de São Paulo, Folhetim nº 314, 1983.

3 – Freud, S., Estudos sobre a Histeria, Ed. Standard Brasileira das Obras Completas, R.J., Imago, vol. II, 1969.

4 – Freud, S., A Interpretação dos Sonhos, Ed. Standard Brasileira das Obras Completas, R.J., Imago, vol. V, 1969.

5 – Freud, S., Duas Histórias Clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”), Ed. Standard Brasileira das Obras Completas, R.J., Imago, vol. X, 1969.

6 – Lacan, J., Le Seminaire, livre I, Les écrits techniques de Freud, editado por J.A.Miller, Paris, Seuil, 1975.

- 7 – Lacan, J., Le Seminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, editado por J.A.Miller, Paris, Seuil, 1973.
- 8 – Lacan, J., Le Seminaire, livre XX, Encore, redigido por J.A.Miller, Paris, Seuil, 1975.
- 9 – Lacan, J., 'L'envers de la Psychanalyse – Les Quatre Discours', 1969-1970, Seminário inédito.
- 10 – Lacan, J., Télévision, Paris, Seuil, 1974.
- 11 – Lacan, J., 'La Direction de la Cure', em Écrits, Paris, Seuil, 1966.
- 12 – Jones, E., Vida e Obra de S. Freud, Organização e resumo de Lionel Trilling e Steven Marcus, 3ª Ed., R.J., Zahar, 1969.
- 13 – Loparic, A e N.C.A da Costa, 'Paraconsistency, Paracompleteness and Valuations'. Encontra-se na Biblioteca da B.F.B.
- 14 – Soler, C., 'O Tempo em Psicanálise', Conferência proferida na B.F.B. em 03/08/1983. Encontra-se na Biblioteca da B.F.B.
- 15 – Villalba, I., J.F. Forbes e N.C.A. da Costa, 'Psicanálise é Possível?', Trabalho apresentado nas Jornadas de Psicanálise da B.F.B., junho 83. Encontra-se na Biblioteca da B.F.B.